

ENTRE A SOCIOLOGIA, A INFÂNCIA E AS CRIANÇAS: uma conversa com o sociólogo Jens Qvortrup.

Bruna Breda
Lisandra Ogg Gomes
Universidade de São Paulo - USP

Resumo

Pode-se definir este artigo como um texto-entrevista. Significa que além de conter a entrevista realizada com o sociólogo Jens Qvortrup, também apresenta, ainda que de modo simples, considerações e análises sobre esse autor. Trata-se de uma entrevista realizada no mês de outubro de 2010, a qual durou um pouco mais de uma hora. Mesmo que a conversa tenha ocorrido em um tempo relativamente breve, a intenção é revelar um pouco mais sobre as idéias de Jens Qvortrup, um dos expoentes estudiosos da infância. Nesse sentido, o texto-entrevista procura abranger a carreira, os conceitos, a obra e as impressões do autor sobre a infância e sua estada no Brasil. Sendo assim, afirma-se que esse material é um referencial elucidativo sobre a importância da infância e das crianças para o contexto social.

Palavras-chaves: sociologia da infância, perspectiva estrutural, Jens Qvortrup.

Abstract

This text “Among sociology, childhood and children: talking with the sociologist Jens Qvortrup” can be defined as a text-interview. It means that besides having the interview made with the sociologist Jens Qvortrup it also features appreciations and analyses about this scholar, even if in a simple way. The interview was made in October 2010 which lasted a little over one hour. Even if this conversation did not last long, the aim is to reveal a little more about this author’s ideas, one of the exponents childhood scholars. Thus, the text-interview is about his career, his work, the concepts and his notions about childhood and his stay in Brazil. Therefore, this article is an elucidating reference about the importance of childhood and children to the social context.

Keywords: sociology of childhood, structural perspective, Jens Qvortrup

A combinação entre os estudos de Karl Marx, as condições de vida da União Soviética e do Leste Europeu, e a pesquisa sobre a família levou Jens Qvortrup a refletir sobre a condição de vida das crianças. Incitado a pensar no porquê de as pesquisas sociológicas considerarem as crianças apenas a partir da escola e/ou da família, o pesquisador promoveu transformações constitucionais a respeito dessa categoria.

Jens Qvortrup nasceu na Dinamarca, em 1943, e foi na Universidade de Copenhague, na década de 70, onde concluiu seus estudos na área da sociologia. Segundo a análise do pesquisador, sua atenção sempre dirigiu-se sobre as questões macroestruturais da sociedade e isso é ainda presente nos seus estudos.

Começou sua carreira como docente na Universidade do Sul da Dinamarca, em Esbjerg, e em 2010 aposentou-se pela Universidade de Ciência e Tecnologia, em Trondheim, na Noruega, onde trabalhou no Departamento de Sociologia e Ciência Política. Nessa Universidade, atuou como professor e diretor do Centro de Pesquisa Infantil – *Norwegian Centre for Child Research/NOSEB*. Foi consultor nesse mesmo Centro e, anteriormente, diretor de pesquisa da Faculdade de Ciências Sociais. Também foi diretor do Departamento de Estudos Sociais e da Saúde.

No decorrer de suas pesquisas encontrou outros pesquisadores que compartilharam do mesmo interesse pela infância. Assim, construiu uma rede de estudo com colegas e grupos da Grã-Bretanha, da Itália, dos Estados Unidos e da Alemanha. Com ajuda desses parceiros, em especial, Giovanni Sgritta (Roma), Angelo Saporiti (Roma) e Helmut Wintersberger (Viena), desenvolveu o projeto “A infância como um fenômeno social¹”. Esse projeto foi amparado pelo Centro Europeu de Viena² [*Vienna Centre*], entre os anos de 1987 a 1992. Posteriormente, o grupo de pesquisadores envolvidos com esse projeto, e em conjunto com outros pesquisadores também interessados na infância, fundou na Associação Internacional de Sociologia (ISA)³ a seção temática “Sociologia da Infância”. Efetivamente, o projeto apresentou relatórios, análises e estatísticas sobre a infância em diferentes países, contou com a participação de diversos colaboradores e, por fim, a organização e publicação do livro *Childhood matters: social theory, practice and politics*, 1994.

A partir do projeto, Jens Qvortrup publicou o artigo “As nove teses sobre “a infância como fenômeno social”⁴. No ano de 1995, o sociólogo evidenciou novamente os paradoxos apresentados nesse texto, mas agora no artigo *Childhood in Europe: a new field of social research*, publicado no livro *Growing up in Europe*, o qual foi editado por Lynne Chisholm. Entre 2002 e 2003 o pesquisador organizou o projeto *Childhood - agency, culture, society*. Com o apoio do Centro Norueguês de Pesquisa Infantil, propôs uma série de seminários internacionais e doutorais. O resultado desse período de estudos pode ser conhecido no livro *Studies in Modern Childhood*, 2005.

São inúmeras suas produções e considera-se importante destacar o artigo *Macroanalysis of childhood*, publicado no livro de Pia Christensen e Allison James – *Research with children: perspectives and practices*⁵, 2000. Publicou junto com Flemming Mouritsen o livro *Childhood and children's culture*, 2003. No ano de 2009, Jens Qvortrup, William A. Corsaro e Michael-Sebastian Honing produziram *The Palgrave handbook of*

childhood studies. Ainda nesse mesmo ano, Jens Qvortrup, Katherine B. Rosier e David A. Kinney publicaram *Structural, historical, and comparative perspective*, na revista *Sociological Studies of Children and Youth*. Além dessa produção bibliográfica, foi co-editor da revista *Childhood* e membro do corpo editorial da revista *Children & Society*. Ambas as revistas tratam de assuntos relacionados às temáticas infância e crianças.

Em outubro de 2010, a convite de Maria Letícia B. P. Nascimento⁶, Jens Qvortrup passou um mês no Brasil. Decerto, foi um excelente período, pois se conheceu e se compreendeu um pouco mais acerca da sociologia da infância. O teórico ministrou uma disciplina⁷, uma conferência e dois encontros – com alunos e pesquisadores, e com grupos de estudos⁸ – na Faculdade de Educação/USP. Além disso, foi convidado pelo Grupo de Trabalho Educação de Crianças de 0 a 6 anos – GT07 – para participar da Sessão Especial na 33ª Reunião Anual da ANPED. Ainda, proferiu palestras nas Faculdades de Educação das Universidades de Minas Gerais (UFMG), Federal de São Paulo (UNIFESP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Desse modo, para complementar essa estada, considerou-se importante a realização de uma entrevista⁹.

Foi em uma sala do prédio da Faculdade de Educação, na Universidade de São Paulo, no dia 28 de outubro de 2010, que Jens Qvortrup concedeu a entrevista. Esse homem nórdico, esguio e de pele muito branca quase rosada, por um pouco mais de uma hora falou sobre suas concepções e seus estudos com elegância, simplicidade e maturidade. Revelou que durante a estada no Brasil sua intenção foi compartilhar sua perspectiva acerca da infância e das pesquisas a respeito desse tema. Contudo e como será possível verificar no decorrer deste texto, o teórico aponta que ainda hoje há um caminho a percorrer nos estudos sociológicos da infância, especificamente, a respeito da *infância* e das *infâncias*. Além disso, declarou que suas pesquisas a respeito da *infância* partem de uma escolha teórica específica. Isso não significa que este caminho seja melhor do que os outros, apenas é uma escolha diferente. De todo modo, espera-se que essa entrevista consiga apresentar e revelar um pouco mais sobre esse sociólogo da infância. De toda forma, a pedido de Jens Qvortrup, a entrevista foi reorganizada com o objetivo de construir uma coerência na redação e eliminar os hábitos involuntários da fala.

1) Gostaríamos que o senhor falasse sobre sua trajetória intelectual, da graduação até o doutorado. Como chegou à sociologia da infância? Sabemos que sua tese foi uma das fundadoras do campo da sociologia da infância. Por que o sociólogo resolveu estudar a infância?

Talvez devesse começar nessa ordem acadêmica indicada, indo da experiência intelectual e como vim eventualmente para a sociologia da infância. Inicialmente, posso dizer que, embora tenha trabalhado com diferentes temas e questões, percebo uma continuidade em relação à perspectiva estrutural. Significa que nessa perspectiva estrutural, em termos concretos, migrei de uma perspectiva de classe para uma perspectiva geracional.

Concluí meus estudos na Universidade de Copenhague em 1971, e minha tese

acadêmica foi sobre Karl Marx e o conceito de classe. É possível perceber que esse era, certamente, um tema estrutural. Meu primeiro emprego foi na *University of Southern Jutland*¹⁰. Nessa universidade, construí meu trabalho que pode ser denominado estudos marxistas, pois fui designado para um estudo que tratava das condições de vida na União Soviética e no Leste Europeu, alguns desses países que já não existem mais. De alguma maneira era uma pré-condição conhecer o marxismo, pois esses países tinham alguma relação com essa teoria. Eu trabalhava com as questões das condições de vida, da condição social nesses países e assim por diante, essas pesquisas aconteceram até o final dos anos 70.

Do início de 1980 até o final de 1982, ou seja, durante 3 anos, trabalhei em Viena, no Instituto Internacional brevemente chamado *Vienna Centre*¹¹. A intenção desse Centro era construir uma ponte entre o Leste Europeu e os países socialistas com os países capitalistas, pois era difícil para as pessoas viajarem para esses países, obter acesso e permissão para os estudos. Portanto, [o *Vienna Centre*] era um canal através do qual era possível realizar esses estudos. Fui o coordenador de dois grandes projetos a respeito da família, os quais abrangiam países do leste e do oeste [da Europa]. Um deles foi sobre as mudanças na família e envolveu 16 países, o outro projeto foi, acho, com 12 países e teve como tema o divórcio. Durante esse período tive a idéia, ou melhor, fui provocado a pensar sobre a infância, pois, do meu ponto de vista, aqueles que pesquisavam o tema família realmente não assumiam um interesse nas crianças e na infância, ou seja, esses pesquisadores não discutiam a infância. De certa forma, as crianças eram consideradas objetos que consomem tempo e dinheiro ou um bloqueio às carreiras dos adultos. Elas não tinham vida própria. Senti que havia nisso uma provocação e tentei entender qual era o *status* da infância na sociologia naquela época. Descobri que era mais ou menos inexistente, e foi assim que tudo começou.

2) *Continuando com a sua carreira acadêmica, quando tentamos encontrar algumas informações sobre a cronologia dos eventos, não há uma ordem clara sobre o contexto, por exemplo, da fundação da seção da sociologia da infância na ISA e do projeto “a infância como um fenômeno social”. É correto dizer que esses eventos aconteceram simultaneamente?*

Sim, mas também não exatamente. Acho que posso explicar.

Depois do período em Viena, retornei para a Dinamarca e continuei meus estudos sobre o Leste Europeu, já estudando a infância, ainda que fosse à noite, nos finais de semana e assim por diante, ou seja, durante meu tempo livre. Eu tinha alguns amigos e colegas que estavam interessados nas minhas ideias, em particular, Helmut Wintersberger, da Áustria, com quem trabalhei e que havia se tornado diretor de pesquisa no instituto chamado European Centre [*Vienna Centre*]. Outro entusiasta foi o professor Giovanni Sgritta, de Roma, assim como Angelo Saporiti. Sobretudo Sgritta e Wintersberger mostraram-se muito entusiasmados. Com sua posição, Helmut Wintersberger tentou tornar possível a aprovação desse estudo nesse Instituto [*Vienna Centre*]. Foi quando escrevi a

proposta do projeto, em 1986, e depois de muitas discussões e suspeitas, diria que dos membros do conselho, em 1987 o projeto “A infância como um fenômeno social” foi iniciado¹².

Como encontramos os membros desse projeto, isso é uma longa história. Mas, no início do projeto descobrimos que era necessário nos organizarmos, porque se queríamos construir alguma coisa que pudesse durar somente ter as ideias não era o suficiente, também era necessário ter uma organização. Foi quando entramos em contato com a ISA e foi longo o caminho até nos tornarmos um comitê de pesquisa, uma vez que esse representa o mais alto nível nessa associação. Começamos como um grupo temático, depois nos tornamos um grupo *ad hoc*, então um grupo de trabalho, e por fim, nos tornamos um comitê de pesquisa. O início foi em 1990, em Madri, na Espanha, foi quando nos reunimos e nos comprometemos a formar o grupo temático. Assim, em 1998, 8 anos depois, nos tornamos o comitê de pesquisa número 53 com o nome “Sociologia da Infância”. Em certo sentido, isso foi a confirmação da sociologia da infância, com um comitê de pesquisa igualado aos outros comitês. Essa foi uma etapa importante, porque foi uma espécie de confirmação do nosso trabalho. É mais ou menos essa a cronologia.

Quanto ao projeto “A infância como um fenômeno social”, ele começou em 1987 e chegou à conclusão em 1992, quando tivemos uma grande conferência que celebrou o seu fim. Foi em 1992, na Dinamarca, e foi apoiada pela famosa companhia Lego¹³. Essa conferência foi realizada na mesma cidade da fábrica, em Billund.

3) A fábrica apoiou a pesquisa ou somente a conferência?

Não nesse estágio. Efetivamente, eles apoiaram a pesquisa em um momento seguinte, mas isto é outra história.

No projeto “A infância como um fenômeno social” havia 16 países envolvidos¹⁴. Foi acordado entre os pesquisadores que seriam produzidos relatórios nacionais. Ao término do projeto tínhamos esses relatórios nacionais, mais a introdução e um relatório adicional chamado “As crianças contam? Um compêndio estatístico”. Sendo assim, todo o projeto resultou nesses relatórios¹⁵, aproximadamente 1000 páginas, e mais o livro *Childhood Matters*¹⁶, o qual foi organizado por temas. Portanto, o projeto contava com as informações intercaladas dos países, incluindo os relatórios oriundos da última conferência, no qual, entre outros relatórios, havia o chamado “Nove teses¹⁷”. Esse texto foi publicado no relatório da conferência de Billund. No total, foram produzidas cerca de 1500 páginas. Então, esse é o fim do projeto.

4) O senhor poderia explicar quais são os principais pontos da sua atividade de pesquisa e os principais instrumentos metodológicos empregados?

Bem, desde o início o foco principal [das minhas pesquisas sobre a infância] tem sido o

estrutural. O enfoque geracional tem uma continuação lógica com a perspectiva estrutural, é algo que já vinha fazendo e que era do meu interesse. Quando comecei a pesquisar a infância não conhecia ninguém que estava fazendo sociologia da infância. Isso foi acontecer mais tarde, quando conheci os colegas da Grã-Bretanha, Estados Unidos e Alemanha e descobri que eles tinham interesse nesse assunto. Eu não estava interessado em outros temas, como, por exemplo, na cultura das crianças e no folclore, ou ainda nas músicas e nos desenhos delas. Realmente, esses temas não eram do meu interesse, mas considero esse tipo de pesquisa muito válido.

O que tentei estabelecer, sem saber que poderia haver outras perspectivas, foi uma sociologia da infância caracterizada por uma perspectiva estrutural. Essa perspectiva, após algum tempo, acabou por não atrair tantos pesquisadores como aconteceu com a perspectiva da agência [*agency*¹⁸], a qual tem muito mais pesquisadores preocupados com os estudos micro-sociais sobre a infância. De certo modo, isso me suscita uma desilusão, pois não foi um movimento que tinha pensado ou que pensei no momento em que começamos.

Sobre os instrumentos metodológicos, pertenço a uma “espécie rara” de sociólogo que se pode chamar de “sociólogo de poltrona¹⁹”, isto é, um sociólogo teórico. Interesse-me por estudos empíricos, mas tenho lidado, principalmente, com estudos documentais e estatísticos. Nunca estive no campo e não fiz pesquisa do tipo *survey*²⁰. Minhas pesquisas baseiam-se mais na coleta de documentos já produzidos e disponíveis, e a partir desses materiais uso a imaginação para fazer perguntas interessantes que possam alavancar novas informações. Crio algo útil a partir desses materiais.

5) No que diz respeito aos estudos sociológicos da infância, quais outros estudiosos do campo são importantes?

Na perspectiva estrutural, acho que não temos realmente muitos. Para começar, é claro, meus amigos e colegas Helmut Wintersberger, Giovanni Sgritta e Angelo Saporiti, porque são especialistas acerca da perspectiva estrutural. Também há o Flemming Mouritsen, a An-Magritt Jensen e o Ivar Frønes. Percebe-se que estou nomeando aqueles que estavam no projeto “A infância como um fenômeno social”. Da Finlândia, tem a Leena Alanen, que, como eu, é uma socióloga teórica, é muito criativa e da mesma perspectiva geracional. Também a Berry Mayall, do Reino Unido; mas acho que não há muitos. Ainda na perspectiva estrutural, gostaria de apontar alguns pesquisadores da nova geração, em especial, Johanna Mierendorff. Ela é uma acadêmica mais jovem e tem muita clareza sobre o que é a perspectiva estrutural. Tem também o Thomas Olk. Claro que há outros acadêmicos ainda mais novos, mas que ainda não fizeram seus nomes. De todo modo, é importante ressaltar que a perspectiva estrutural é uma das perspectivas, a outra é a que chamamos de agência. Nessa perspectiva, existem muitos outros acadêmicos que têm feito trabalhos muito bons e interessantes. São trabalhos que proporcionam um diálogo, uma discussão e, portanto, o trabalho com a sociologia da infância é aperfeiçoado. Agora, são

realmente muitos os estudiosos na perspectiva da agência, mas acho que os mais conhecidos são Allison James, Alan Prout, Chris Jenks e Virginia Morrow. A propósito, devo mencionar outra estudiosa da perspectiva geracional que é da Alemanha, a Helga Zeiher. Considero-a uma boa colega ao longo desse percurso. Talvez, outros nomes virão à minha mente, porque é difícil dizer ele ou ela pertencem a esse campo ou àquele campo, pois existem muitas nuances. Mas, certamente, da micro-sociologia Bill Corsaro²¹, deve ser mencionado como um dos mais importantes, além de Barrie Thorne, e, também dos Estados Unidos, Daniel Cook.

6) *Muitos de seus trabalhos explicitam a idéia da infância como categoria social, assim como são gênero, classe e etnia. O senhor poderia explicar a partir de que parâmetros é feita essa categorização?*

Antes de qualquer coisa, percebi muito cedo que para ter uma sociologia da infância viável nós precisávamos definir a infância em termos geracionais, deveríamos usar a geração como uma categoria e compará-la com a classe, o gênero, a etnia e a raça. Quero dizer que essas são as categorias estruturais mais notórias que usamos e estamos mais habituados. Considero que é favorável pensar nessas outras categorias, porque estamos familiarizados com elas e as entendemos. Por exemplo, entendemos que a classe social tem uma espécie de permanência, independente dos membros desta categoria. Entendemos que a classe social permanece independente de quem entra ou a deixa. Portanto, essa também é a ideia básica da perspectiva geracional. O que tenho percebido é que essa ideia tem sido de difícil compreensão para muitos. A maioria das pessoas comuns, como, por exemplo, pais, políticos e jornalistas, estão somente interessadas em como as crianças tornam-se adultos. Essa é uma perspectiva psicológica, uma perspectiva pedagógica, uma perspectiva socializadora e assim por diante, que, certamente, são perspectivas legítimas e importantes. Porém, na minha opinião, não são perspectivas sociológicas. Se você quer lidar com a perspectiva geracional deve ter alguns grupos que estão, em princípio, em oposição uns aos outros, mas não necessariamente em conflito. Nesse caso, as crianças são os membros da categoria infância, as quais têm condições de vida diferente dos adultos, e tem a idade adulta como grupo dominante em oposição às crianças. Você pode ter outros grupos, como a velhice e a juventude, mas é necessário defini-los nesses termos e não considerar outras perspectivas, algo que comumente acontece. Com frequência, muitas pessoas me perguntam: “Por que você não considera a perspectiva do gênero?” “Por que não estabelece uma diferença entre meninos e meninas?” “Por que você não considera uma perspectiva de classe?” “Porque você não considera uma perspectiva étnica?”, e assim por diante. Certamente, todas as perspectivas são úteis, mas elas não são realmente úteis para a determinação geral das condições de vida das crianças e da infância. De fato e com boas razões pode-se estudar a pobreza, a pobreza das crianças, mas, basicamente, se a opção for pela perspectiva de classe, então a perspectiva de classe será importante e a pesquisa não estará fundamentada na perspectiva geracional. Isto é muito difícil de explicar em uma

entrevista, particularmente, por ser muito breve²².

7) *Considerando que a infância é parte da estrutura social, gostaríamos de saber como o senhor pensa o papel das crianças na estrutura? Na atualidade, qual é o papel da infância?*

A respeito do papel da criança, se estamos falando de filhos, por certo, eles nascem porque nós queremos ter filhos. Eles estão aqui para serem queridos e amados. Porém, se olhamos historicamente e independente do valor emocional, as crianças têm e sempre tiveram um papel na história. Nesse sentido, argumento que elas sempre trabalharam. De um modo ou de outro, pelo menos a partir dos 5, 6 ou 7 anos, elas sempre estiveram envolvidas na sociedade. Se me perguntar qual a natureza da função das crianças, a resposta, em um sentido lógico, é que elas têm um papel relacionado ao modo de produção ou relativo à maneira de produção das coisas na sociedade na qual elas vivem. O que quero dizer é que na Europa do século XIX e em muitos países até hoje, em geral países em desenvolvimento, as crianças são úteis com seu trabalho manual. Esse tipo de sociedade é basicamente uma sociedade manual. Portanto, existe essa correspondência que chamo de imanência ao sistema²³. Significa que é imanente na prevalência ao sistema corrente e o que elas fazem insere-se nessa ordem. Então, quando nos deslocamos para a sociedade moderna, a qual dá ênfase ao conhecimento, à informação e assim por diante, a situação das crianças muda. Não é uma mudança no sentido que elas não trabalham mais, ao contrário, as crianças continuam a trabalhar, mas a mudança está na natureza do trabalho e na ideia acerca do trabalho infantil obrigatório, o qual se vincula ao modo de produção, isto é, elas também devem realizar a produção do conhecimento. Em outras palavras, as crianças o fazem a partir do seu trabalho na escola. Historicamente falando, o grande equívoco está no fato que muitas pessoas consideram que uma vez que as crianças passaram do trabalho manual para o trabalho escolar elas deixaram de ter utilidade. Esse é realmente um grande *faux pas* histórico, isto é, um passo em falso, pois as pessoas de repente perceberam que as crianças passaram a ser inúteis. Elas simplesmente são colocadas na escola, como se essa fosse uma existência passiva. Para mim essa é a tese mais importante, “as crianças sempre trabalharam, mas agora elas trabalham de maneiras diferentes”. Sendo assim, seria possível dizer que existe a continuidade e a mudança, pois as crianças mudaram do trabalho manual para o trabalho escolar. Ao mesmo tempo, a continuidade está na correspondência entre o modo de produção e o que elas fazem. Considero essa a tese chave²⁴.

8) *Suas pesquisas são, principalmente, na perspectiva estrutural, que outros tipos de pesquisa podemos desenvolver a partir dessa perspectiva?*

Em primeiro lugar, além de pesquisas sobre o trabalho das crianças, podem ser desenvolvidos diferentes estudos comparativos em relação à geração. Pode ser uma

comparação entre a condição de vida dos adultos e a condição de vida das crianças. Nesse caso, é preciso distinguir entre o nível familiar e o nível social, porque há muitos adultos que não vivem com crianças. O que quero dizer é que há adultos e crianças (pais e filhos, por exemplo) que vivem juntos e compartilham o mesmo nível de vida, mas há muitos outros adultos que não vivem com elas.

Em segundo lugar, outro assunto importante que pode ser discutido é a pobreza ou a desigualdade, ou seja, as diferenças entre as gerações. Podem ser incluídos também os velhos e a posição dessa categoria geracional na sociedade, pois a posição dessa categoria modificou-se devido às mudanças econômicas. Também, pode-se discutir que a função das crianças no passado não era apenas trabalhar, assim poderia ser perguntado: quais eram as motivações dos pais para ter filhos? Ocorre que existia também a expectativa de que esses pais, quando velhos, seriam cuidados pelos seus filhos. Portanto, todo o ciclo de vida precisa ser considerado, pois há uma conexão entre as gerações, desde a infância até a velhice. Isso sempre existiu. Essas conexões eram mais claras para as pessoas “dos bons velhos tempos” do que para as de hoje em dia. Acontece que atualmente as pessoas pensam que se está na esfera da produção ou se está na esfera da reprodução. Porém, hoje essas duas esferas estão juntas, mas isso não é percebido pela sociedade²⁵.

Em terceiro e último lugar, gostaria de falar de outra possibilidade. Se for pensando em termos espaciais, por exemplo, se for considerado o desenvolvimento urbano ou a construção das grandes cidades e assim por diante, isso é algo que altera o modo de vida de todas as gerações e, provavelmente, as mudanças ocorrem de diferentes maneiras para crianças, adultos e velhos. O que quero dizer é que se se vive em uma cidade, então é mais difícil para as crianças experimentarem a cidade como delas, porque tem o trânsito e elas têm que ser escoltadas pelos pais de um lugar para outro, e assim por diante. É possível perceber em muitos aspectos que essa é uma importante mudança nas condições estruturais. Por exemplo, há estudos em Londres que mostram que conforme o tempo passa as crianças têm cada vez menos possibilidades de deslocarem-se [pela cidade] por conta própria. Em Londres, houve um interessante estudo sobre o tráfego, os acidentes e quantas crianças morreram em acidentes de trânsito entre os anos 1970 e 1990. Descobriu-se que houve uma redução de mil acidentes no início para trezentos, esse declínio ocorreu ao mesmo tempo em que elas não foram mais autorizadas a circular por conta própria pela sociedade. Assim, pode-se dizer que o preço para esse bom desenvolvimento relacionado aos acidentes de trânsito foi pago pelas próprias crianças, pois elas foram impedidas de sair e passaram a ficar dentro das casas. Esse é um terceiro exemplo de pesquisa focada na perspectiva estrutural, ou seja, a institucionalização da vida das crianças. Como resultado de todo desenvolvimento agora as crianças são forçadas a estar atrás de paredes, atrás das grades e assim por diante, porque nós queremos protegê-las. Contudo, quanto mais as protegemos, mais as impedimos de participar da sociedade.

9) Na sociologia da infância as análises partem de duas perspectivas. A primeira é a perspectiva estrutural que considera a infância como uma categoria. A segunda,

considera a pluralidade de infâncias, isto é, as diferentes formas que as crianças vivem suas infâncias. O senhor poderia apontar quais são as principais diferenças entre essas duas perspectivas?

Novamente aponto que não é um ou outro. Há uma tendência e não apenas dentro dos estudos da infância, mas das ciências sociais em geral em olhar a diversidade²⁶. É uma tendência interessada nas múltiplas identidades das pessoas. Nesse sentido, não é apenas lógico, mas também um pouco trivial, dizer que ele ou ela têm a sua infância particular. Essa perspectiva é verdadeira e, qualquer que seja, pode-se estudar a criança individual ou uma infância em particular. É possível dizer “bem, há muitas particularidades que podemos encontrar e que definem e descrevem esta infância em particular”. O problema que vejo é que com essa perspectiva fica impedida a generalização. Entendo que é necessário que qualquer pesquisa seja capaz de fazer generalizações, isto é, buscar o que é comum entre as crianças e o que é comum para o que chamamos de categoria infância. Olhar para o que é comum também significa fazer algumas distinções com relação às outras categorias dentro de um mesmo denominador chamado perspectiva geracional. Nesse caso, não é possível determinar o que é a infância sem também perguntar o que a infância não é. Certamente, a infância não é a geração adulta. Isso significa que se deve pensar em termos geracionais, porque se forem maximizadas as diferenças entre as crianças, então é preciso olhar todas as outras dimensão que não a geracional. Nesse caso, maximizando as diferenças entre meninos e meninas, entre ricos e pobres, entre negros e brancos não se consegue realmente determinar o que é comum às crianças. De todo modo, torna-se fácil admitir que ao olhar para o que é comum são perdidas algumas informações, porque não é possível saber todas as coisa ao mesmo tempo. Na minha opinião, um bom e velho conselho para a pesquisa é de algum modo fazê-la de modo simples. Contudo, fazer coisas simples não significa ser simplista, significa fazer pesquisa de forma transparente, de modo simples e encontrar uma verdade também simples. Agora, maximizando as particularidades, no final das contas perde-se de vista o que realmente é a infância [enquanto uma categoria], e esse é o problema.

10) O senhor poderia citar entre as suas produções quais delas tratam desse assunto?

A antiga publicação “A infância como um fenômeno social” é ainda, de alguma forma, uma boa e velha análise. Mas, acho que o capítulo *Childhood as a structural form*²⁷, do livro *The Palgrave Handbook of Childhood Studies*²⁸, apresenta, ainda que de maneira breve, as características essenciais da infância enquanto categoria. Há também o capítulo que escrevi, no volume 12, do livro *Sociological Studies of Children and Youth*, o qual editei em 2009²⁹. Esse é um trabalho bem recente e nele há um longo capítulo que trato dos processos e das mudanças históricas. Procuro analisar as questões da produção e da reprodução, as quais considero que são importantes. Já o livro *Childhood and children's culture*, que editei em parceria com Flemming Mouritsen, tem um capítulo que diria que é

também fundamental³⁰. Acho que esses três trabalhos seriam úteis. Também está publicado em português o texto “O trabalho escolar infantil tem valor?”³¹”.

11) Considerando a ideia marxista de que a história é feita partir de determinadas condições, como senhor entende essa relação a partir da sociologia da infância?

É a célebre frase de Marx... que as pessoas, ou melhor, que os indivíduos mudam a história. Porém, eles não a fazem a partir de suas próprias escolhas; o que é verdade. De fato, esse é exatamente o ponto, pois se ocorrem mudanças elas devem partir das pessoas e não importa se são crianças ou adultos. As mudanças devem vir das pessoas, mas o real ponto é que as pessoas não podem fazer o que querem. Há na sociedade um grande número de restrições e oportunidades estruturais, as quais desenvolvem-se ao longo do tempo. É claro que isso não tem relação somente com as crianças, mas com todas as pessoas. As restrições existem, se você nasce em uma sociedade, seja no Brasil, na Dinamarca ou na Noruega, você encontra certas restrições. Mas, mesmo dentro do Brasil podem haver mudanças, mesmo que se viva em uma área rica ou na favela. Porém, não é possível fazer o que se quer, pois há um grande número de restrições estruturais, as quais de alguma forma determinam os passos das pessoas. Então, se ocorrem mudanças elas devem ser provenientes das pessoas e, de fato, elas acontecem. Deve-se esclarecer que não significa dizer que os indivíduos conseguem mudar o mundo, o que eles podem é mudar algumas coisas. Agora, se forem consideradas as unidades maiores, como, por exemplo, a classe social, é possível produzir algumas mudanças, mas não é possível fazer mudanças sem levar em consideração as resistências do capitalismo ou de outros sistemas. Neste sentido, não há nada de diferente entre crianças e adultos em princípio. Entretanto, os adultos, enquanto categoria geracional, têm mais poder por muitas razões.

12) Uma vez que o senhor falou sobre Marx, podemos agora falar de Émile Durkheim e Max Weber. Esses autores contribuem para o campo da sociologia da infância?

Não... Max Weber não. Não acho que ele tenha feito algo relacionado aos estudos da infância. Por sua vez, Durkheim sim, mas apenas na socialização. Ele interessou-se a partir de uma visão muito tradicional das crianças de que elas deveriam ser submetidas à socialização e deveriam ser educadas. Como pesquisador da socialização ele fez muito, mas isso é outra coisa que tentamos acertar, pois o que Durkheim teoriza não é o que realmente acontece. Essa é uma visão tradicional.

13) Já que tocamos no ponto da socialização, é possível trabalhar conjuntamente a socialização, o desenvolvimento infantil e a sociologia da infância?

Sim, acho que se pode trabalhar conjuntamente, porque realmente temos uma socialização, ela é parte da nossa vida e temos que educar as crianças. Consequentemente, são os psicólogos e os pedagogos que se interessam pelas modalidades de desenvolvimento infantil de formas variadas, por exemplo, interessam-se pelo desenvolvimento cognitivo e motor, e assim por diante. De fato, a socialização é mais do que psicologia, é também internalização de normas e valores, algo que é importante. Contudo, esse não é meu foco de interesse, mas com certeza pode haver colaboração entre essas áreas com a sociologia da infância. Como disse, esse não é o foco do meu interesse, mas não tenho que, necessariamente, estar de acordo com todos os sociólogos da infância, ou vice-versa.

Vejo que a socialização é sobretudo importante em um meta-nível. Ela é importante, por exemplo, como um dos parâmetros que determinam a categoria infância, assim como são o parâmetro econômico, cultural e outros. Além desses parâmetros, também há o parâmetro da socialização que é, até certo ponto, uma supra-estrutura que pode ser aplicada diferentemente de criança para criança. No entanto, ela tem certos caminhos hegemônicos de compreensão de como educar as crianças. Assim, ocorrem nesses modelos hegemônico de socialização mudanças de período a período, de país a país, por exemplo. Dependendo da época os pais podem ser mais ou menos amável com seus filhos, podem ou não bater nos seus filhos... O que quero dizer é que a socialização pode acontecer de maneiras muito diferentes e considero que isso entra no conjunto de parâmetros que podem ser usado para definir a categoria infância.

14) O senhor considera que as pesquisas do campo sociológico podem modificar práticas sociais, econômicas e/ou políticas? Ocorreram mudanças na sociedade dinamarquesa em consequência da sociologia da infância?

Acho que não [risos]. Acho que seria querer de mais. Quando comecei o projeto “A infância como um fenômeno social” realmente não imaginei mudar o mundo. Estava intelectualmente interessado na questão que apresentei nesse texto introdutório [refere-se ao livro “A infância como um fenômeno social”]. Mas, certamente, gostaria de ver que, eventualmente, algumas coisas mudaram a partir do resultado desse trabalho. Penso que talvez seja possível perceber que muitas pessoas, políticos e jornalistas, por exemplo, começaram a falar sobre a infância de modo diferente. Por exemplo, eles à vezes usam a frase que “as crianças não são seres humanos, mas seres humanos em devir³²”. Em 1985 usei essa frase e hoje em dia as pessoas a usam sem nem sequer saber qual sua origem. É possível encontrar essa frase em documentos da ONU e em jornais locais da Noruega. Portanto, é curioso perceber como algumas concepções entram no vocabulário local e dessa forma as coisas começam a mudar. Também é verdade que há um movimento dos direitos das crianças, o qual teve seu início no mesmo momento do projeto [“A infância como um

fenômeno social”]. Nesse sentido, são iniciadas as discussões acerca de certos temas e, se tiver sorte, é possível colocar essas questões na agenda do dia. Contudo, não é o mesmo que dizer que as coisas estão mudando. A pobreza das crianças está mais em pauta nos países europeus, mas os políticos não têm idéia do que é a sociologia da infância! Então, é um longo processo. Acho que há muitos anos, alguém falou sobre o modelo de esclarecimento de mudanças sociais³³, com o qual, às vezes, pode-se ter a sorte de iluminar o debate de certo tema. Porém, necessariamente isso não faz com que as coisas mudem. Eventualmente, quem sabe, estejamos mudando os modos de ver as crianças...

15) *Nem mesmo nas estatísticas?*

Sim, as estatísticas! A propósito, isso é verdade! Durante o projeto “A infância como um fenômeno social” fomos capazes de mudar a maneira como as estatísticas eram produzidas. Isso é verdade. Muitíssimo obrigado³⁴.

16) *A sociologia da infância é um campo autônomo ou está vinculada à sociologia? Como o senhor a compreende?*

Idealmente, gostaria de vê-la como parte da sociologia. Gostaria de ver que podemos usar dentro do campo da infância os mesmos métodos e os modelos de desenvolvimento teórico usados nos campos da sociologia e da antropologia, pois o pior que poderia acontecer seria perceber que a sociologia da infância tornou-se um pequeno nicho e que não fazemos parte da sociologia; isso seria ruim.

Bom, de qualquer modo, gostaria, se essa é a última questão, de finalizar com alguns pontos sobre a minha visita ao Brasil. Fiquei muito, muito satisfeito e encantado por estar aqui. Devo dizer que fiquei também muito impressionado com o interesse e o entendimento dos estudantes brasileiros a respeito da sociologia da infância. Devo admitir que, talvez como parte de certo preconceito, achava que esse entendimento na Europa fosse uma coisa, por ser um continente mais desenvolvido, e na América do Sul fosse outra, por ser um continente com menor desenvolvimento. Estava temeroso por achar que poderia ser difícil apresentar essas ideias, mas ao contrário, foi muito bom! Encontrei maior interesse aqui do que em meu próprio país. Portanto, para mim, foi um enorme prazer estar aqui³⁵.

Notas

¹ *Childhood as a social phenomenon* (QVORTRUP,1991).

² *European Centre for Social Welfare Policy and Research*, situado em Viena, na Áustria.

³ *International Sociological Association* – ISA.

- ⁴ *Nine theses about "childhood social phenomenon"* (QVORTRUP, 1993). Já traduzido para a língua portuguesa (QVORTRUP, 2011).
- ⁵ A tradução desse livro para a língua portuguesa chama-se "Investigação com crianças: perspectivas e práticas". Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005.
- ⁶ Docente da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo/FEUSP.
- ⁷ A disciplina ministrada foi "Sociologia da infância: abordagem macro-estrutural" (FEUSP, 2010).
- ⁸ Os grupos de pesquisa participantes foram: Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Sociologia da Infância e Educação Infantil (GEPSEI), coordenado por Maria Letícia B. P. Nascimento; Grupo de Pesquisa Práticas de Socialização no Mundo Contemporâneo (GPS), coordenado por Maria da Graça Jacintho Setton; e Grupo de Pesquisa Juventude, Sociabilidades e Educação Não-formal, coordenado por Marília Pontes Sposito.
- ⁹ A transcrição e a tradução são de nossa responsabilidade, ambas aprovadas por Jens Qvortrup.
- ¹⁰ Atualmente chamada *University of Southern Denmark*, na Dinamarca.
- ¹¹ Cf. nota ii.
- ¹² Acerca deste assunto cf. Qvortrup (1991).
- ¹³ *Lego Group*, empresa dinamarquesa fabricante de brinquedos.
- ¹⁴ A lista dos países consta em Qvortrup (1991).
- ¹⁵ Cf. Qvortrup (1993).
- ¹⁶ Cf. Qvortrup, et al. (1994).
- ¹⁷ Cf. Qvortrup (1993).
- ¹⁸ Cf. Qvortrup (2005).
- ¹⁹ A expressão utilizada foi *armchair sociologist*.
- ²⁰ Investigação ou observação de um grupo de pessoas.
- ²¹ Faz referência a Willian A. Corsaro.
- ²² Acerca desse assunto, cf. Qvortrup (2000b).
- ²³ O conceito é *system immanence*, cf. Qvortrup (2009c).
- ²⁴ Para conhecimento mais aprofundado deste assunto, cf. Qvortrup (1991; 2001; 2009c).
- ²⁵ Cf. Qvortrup (2009b).
- ²⁶ Acerca desse assunto, cf. Qvortrup (2010b).
- ²⁷ Esse artigo foi traduzido para o português e publicado na revista "Educação e Pesquisa". Cf. Qvortrup (2010a).
- ²⁸ Cf. Qvortrup (2009a).
- ²⁹ Cf. Qvortrup (2009c).
- ³⁰ Cf. Qvortrup (2003).
- ³¹ Cf. Qvortrup (2001).
- ³² A expressão utilizada por Jens Qvortrup foi: *children are not human being but seen as human becoming*.
- ³³ A expressão utilizada foi *enlightenment model of social change*.
- ³⁴ Na disciplina ministrada na Faculdade de Educação (USP), Jens Qvortrup contou que durante a execução do projeto os pesquisadores tiveram a oportunidade de contatar algumas agências de estatísticas nacionais europeias que passaram a incluir as crianças como unidade de contagem.
- ³⁵ Ainda que perdesse essa imagem caricata do Brasil como país menos desenvolvido, é importante destacar a sinceridade de Jens Qvortrup e seu posicionamento positivo em relação aos pesquisadores e estudantes que aqui encontrou.

Bibliografia

JAMES, Allison. Agency. In: QVORTRUP, Jens; CORSARO, William A.; HONING, Michael-Sebastian (eds.). **The Palgrave handbook of childhood studies**. UK: Palgrave Macmillan, 2009.

- MAYALL, Berry. **Towards a Sociology for Childhood: Thinking from children's lives**. Buckingham: Open University Press, 2002.
- QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a infância como um fenômeno social. In: **Pro-posições**. Campinas, vol. 22, n°. 01 (64), jan./abr/, 2011.
- QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 36, n°. 02, maio/ago., 2010a.
- _____. A tentação da diversidade – e seus riscos. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 31, n°. 113, out./dez., 2010b.
- _____. Childhood as a structural form. In: _____. CORSARO, William; HONIG, Michael-Sebastian (eds.) **The Palgrave handbook of childhood studies**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009a.
- _____. The development of childhood. In: _____. ROSIER, Katherine Brown; KINNEY, David A. (eds.). **Sociological Studies of Children and Youth**, vol. 12 –Structural, historical, and comparative perspective. Bingley, UK: Emerald, 2009b.
- _____. The development of *childhood*: change and continuity in generation relations. In: KINNEY, David A.; BASS, Loretta E. (eds). **Structural, historical and comparative perspectives. Sociological studies of children and youth**. Emerald Group Publishing, vol. 12, 2009c.
- _____. **Studies in modern childhood: society, agency, culture**. Basingstoke, Hampshire/New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- _____. Sociology of Childhood: Conceptual Liberation of Children. In MOURITSEN, Flemming.; _____. (eds.) **Childhood and Children's Culture**. Odense: Odense University Press, 2003.
- _____. O trabalho escolar infantil tem valor? A colonização das crianças pelo trabalho escolar. In: CASTRO, Lúcia Rabello de. **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: Nau, Faperj, 2001.
- _____. Macroanalysis of childhood. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (eds.). **Research with Children: perspectives and practices**. London/New York: Falmer Press, 2000.
- _____. Childhood in Europe: a new field of social research. In: CHISHOLM, Lynne et al. (eds.) **Growing up in Europe**. Berlin/New York: De Gruyter, 1995.
- _____. et al. (eds.). **Childhood Matters: social theory, practice and politics**. Avebury: Aldershot, 1994.
- _____. Nine theses about “childhood social phenomenon”. In: **Eurosocial Report**, n°. 47. Viena, 1993.
- _____. Childhood as a social phenomenon. An introduction to a series of National Reports. **Eurosocial Report**, n°. 36. Viena 1991.

Correspondência

Bruna Breda – Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

E-mail: brubreda@terra.com.br

Lisandra Ogg Gomes – Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Bolsista FAPESP.

E-mail: lisandraogg@yahoo.com.br